

SIVA

Talvez fôsse porque procurava desocupar o cérebro, a fim de que novas equações pudessem penetrar. Talvez porque estivesse sentado num jardim, o Último Jardim da Terra, enquanto sua mulher paria o Novo Homem e o século XXI despen-cava-se pelo espaço.

Porque descobrimos anestésicos e não conseguimos diminuir o tempo de gestação?

O século XXI começava a cair.

Ali estava êle, no último jardim que restara no Universo, assistindo conscientemente o nascer da Nova Era, enquanto sua mulher se contorcia em dôres. De lá divisava o útero se abrindo, a raça superior esforçando-se para sair. Sem grandes sentimentalismos pode perceber que seu filho se assemelhava em muito com algo que lera certa vez em contos malditos de ficção científica: cabeça desproporcionalmente grande, dedos afilados e longos, sexo anatômicamente disposto para proporcionar o máximo de paz e prazer, pernas atrofiadas pela falta de uso. Já nascia sem apêndice, adenóides e amígdalas.

Quebrando todos os padrões de estética, a Perfeição era expelida no meio de violentos espasmos.

Enquanto isto, vertiginosamente, o século XXI despen-cava-se no espaço em busca da Terra.

E sentado no último jardim aque-la noite, com a cabeça doendo pelo esforço de pensar, percebeu que era capaz de dar a volta ao mundo em apenas sete minutos mas a criança levou llllllllll = 9 Suas mãos + mãos + acessórios haviam construído coisas que durariam

..... 8 (deitado) mas ainda não conseguira vencer a PROPRIA morte.

a anestesia substituiu a DOR por uma agradável sensação de dormência e no entanto certas

FERIDAS jamais cicatrizavam quando abertas pelo amor.

O HOMEM estava l-i-v-r-e de:

- 1- doenças
- 2- infecções
- 3- crimes
- 4- etc.

mas o tédio?

ah...

ah!

ah

ah!...

ah?

o tédio jamais fôra

y
o
o.

O Homem do século XX levantou-se do jardim onde estivera sentado e olhou para o século XXI que descia pelo espaço arrastando consigo um turbilhão de estrêlas. Olhou para dentro da cúpula de vidro, onde sua mulher descansava das contrações tendo a seu lado o protótipo da nova Raça. Havia o barulho de máquinas funcionando, de aparelhos transmitindo, e no entanto êle estava alheio a tudo isto, pesando que seu filho não teria um pouco de lama para se espojar, nem cantiga de mãe em noites frias, nem jôgo de pelada pelas ruas.

O sexo XXI caía.

E seu filho tinha os olhos abertos, fixos na massa que descia sideralmente, mas sem qualquer emoção. Esta seria a principal característica da nova Raça: emoção.

Foi então que os poetas de todo o mundo começaram a arrancar os cabelos e rasgar seus versos, enquanto os olhos dos recém-nascidos circulavam em órbita da Terra. Foi então que os últimos namorados se disseram "Amor" e se deitaram onde estivessem, deixando nos úteros esfolados o sêmen da própria destruição. Foi então que as grandes paisagens exalaram um último suspiro, cedendo lugar às indústrias pesadas necessárias à sobrevivência do Homem no século que nascia. E os animais domésticos abandonaram seus lares para morrerem de fome na sargeta. Os parques de diversões começaram a ser desmontados e enviados ao ferro-velho. Os baleiros largaram seus emprêgos para se dedicarem à difícil tarefa de sobrevivência na Nova Era. O século XXI despenca-se pelo espaço. Nascia um novo Ser. Ser.

O Homem que até agora estivera no banco do jardim, foi despertado de súbito pela sirene que o chamava para o trabalho. Levantou-se plácidamente, não sem antes notar que de suas faces escorria algo salgado e sentimentalóide. O Sol nascia, mas êle nem notou o sol: seu pensamento estava obscurecido pelos problemas corriqueiros do trabalho. Caminhava num passo lento e constante, seus gestos eram cadenciados por um metrônomo de bolso.

Sómente na hora de atravessar a rua, com o susto de um automóvel que quase o atropela, foi que êle se lembrou.

Era pai.

=====